



## Greimas e a semiótica do mundo natural

Jean-Marie Klinkenberg \*

Tradução de Marina Maluli César \*\*

**Resumo:** Entre as disciplinas com que A. J. Greimas teve contato em sua formação aparece a fenomenologia, corrente filosófica que apresentou em termos renovados a delicada questão da relação entre a linguagem e o mundo. Como se sabe, a exigência epistemológica assumida por Greimas acabou por afastá-lo do fenômeno da referência, por ele considerado indecível, levando-o a abraçar, sobretudo, a vertente construtivista da fenomenologia, a ideia de que o “fenômeno” requer o *logos* para mostrar-se. Por outro lado, ele não deixa de afirmar incisivamente em *Semântica estrutural* que “as significações do mundo humano situam-se no nível da percepção”. O problema da relação entre o sentido e um sensível não unicamente textual permanece, portanto, à espera de resposta. Foi tal problema que determinou o projeto greimasiano de uma “semiótica do mundo natural”, que não chegaria a ter todos os desenvolvimentos prometidos. O objetivo deste artigo é submeter esse conceito a uma apreciação crítica, mediante a sua colocação em contexto. Gostaríamos também de expor suas potencialidades – reveladas mais claramente neste século XXI, quando os avanços de novos conhecimentos permitem solucionar questões que não podiam ser abordadas há 50 anos – e os desafios trazidos por elas para a semiótica geral.

**Palavras-chave:** Greimas, mundo natural, fenomenologia, percepção, Merleau-Ponty

### 1 Greimas e a fenomenologia

Sabemos que Greimas se dedicou desde cedo à fenomenologia. Será necessário ainda se estudar o que restou desse contato com tal ramo da filosofia. A razão é que não foi possível até o momento medir a amplitude e a natureza dessa herança, apesar do excelente dossiê que a revista *Actes sémiotiques* consagrou às relações entre a fenomenologia e a semiótica (Darrault-Harris, 2011).

Sem pretender resolver essa questão, a tomarei como mote para uma reflexão sobre a relação entre o pensamento greimasiano e o mundo natural. Como ponto de partida, seria necessário começar por distinguir duas coisas que tendem por vezes a serem confundidas entre si: de um lado o interesse que o próprio Greimas teve pela fenomenologia e, de outro, a noção que a semiótica e os semioticistas fazem hoje dessa última. Se nos concentramos no primeiro ponto, podemos constatar duas coisas: que o interesse de

Greimas pela fenomenologia durante seus anos de formação em Alexandria se concentra principalmente no pensamento de Merleau-Ponty e que tal encontro ocorre sobretudo com base no parentesco epistemológico.

### 2 A problemática da consubstancialidade da linguagem e do pensamento

Na verdade, Greimas parece operar uma triagem nas contribuições de Merleau-Ponty. Pela leitura atenta do artigo seminal “A atualidade do Saussurismo”, publicado em 1956 na importante revista de linguística *Le français moderne*, poderíamos crer que o autor não retém do fenomenólogo nem seu interesse pelo corpo, nem sua atenção pela percepção. O que parece atraí-lo para as ideias do filósofo, é antes a tese de um pensamento completamente constituído na linguagem; é o advento de uma nova “psicologia da linguagem em

\* Professor emérito da Universidade de Liège, na Bélgica, e um dos fundadores do Grupo  $\mu$ , da mesma universidade. Membro da Academia Real da Bélgica. Endereço para correspondência: { jmklinkenberg@ulg.ac.be }.

\*\* Mestre e Doutora em Semiótica e Linguística geral pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e doutoranda em Musicologia pela Universidade Paris-Sorbonne, na França. Endereço para correspondência: { marina.maluli@gmail.com }.

que a dicotomia entre o pensamento e a linguagem é abandonada em favor de uma concepção de linguagem em que o sentido é imanente à forma linguística" (Greimas, 1956, p. 193)<sup>1</sup>; a seu ver, tal concepção "se apresenta em muitos aspectos como uma extensão natural do pensamento saussuriano" (p. 195)<sup>2</sup>. Remetemos aqui à obra *Fenomenologia da Percepção* (1999 [1945]) e, em especial, ao capítulo "O corpo como expressão e fala" (p. 237-270). Nesse capítulo, como em seu livro *Signos* (1991 [1960]), publicado pouco antes de sua morte, Merleau-Ponty desenvolve a tese de uma estreita consubstancialidade entre pensamento e linguagem, e Greimas, sem dúvida, teria se inscrito nessa proposição: "a fala não traduz, naquele que fala, um pensamento já feito, mas o consoma" (Merleau-Ponty, 1999, p. 242).

A preocupação que se manifesta desde o início, tanto no linguista como no filósofo, é, portanto, a questão da relação entre as duas instâncias que são a linguagem e o pensamento. Uma questão vasta, à qual eles trazem a resposta da consubstancialidade.

Essa posição não é obviamente nova. Recordemos que o psicólogo Henri Delacroix (1924) expressou em uma frase famosa que: "o pensamento faz linguagem fazendo-se através da linguagem"<sup>3</sup>. Fórmula essa impressionante, mas que por mais bela que seja, deve ser posta em questão. O vínculo entre essas duas instâncias pode de fato ser descrito a partir de dois pontos de vista antinômicos, que Greimas percebe claramente em suas reflexões sobre o tema em *Le Français moderne* (1956).

Para distinguir claramente tais pontos de vista, voltamos à fórmula de Delacroix. A simetria do enunciado – que se justifica pelo fato de que os dois movimentos a que se refere são simultâneos – poderia obscurecer a reversibilidade desse último e proibir o isolamento das duas proposições que ele associa. No entanto, cada uma delas merece ser examinada por si própria.

A primeira afirma que, de fato, o pensamento (retraduzimos: o sentido) pode criar a linguagem (a semiótica); o segundo afirma que as linguagens (as semióticas) podem criar o pensamento (o sentido). Dois processos que, de modo imagético, Merleau-Ponty discrimina claramente. Na esteira de Saussure, ele distingue de fato uma "fala falada", aquela que está implícita no primeiro movimento, e uma "fala falante" implicada no segundo (Merleau-Ponty, 1999).

Entretanto, ambas as propostas são problemáticas.

Consideremos a primeira. Se o pensamento (sentido) é capaz de criar a linguagem, então ele tem uma

forma de existência anterior a esta. Mas qual poderia ser essa forma? Eis algo que não é evidente, mas que nos afasta de todo modo da consubstancialidade. A essa questão desconfortável, Greimas tentará, como veremos mais adiante, trazer uma tentativa de solução.

Entretanto, a segunda proposição é igualmente problemática: a linguagem seria capaz de produzir o pensamento; em outras palavras, de trazer à tona um sentido que não existia anteriormente. Reconhecemos aqui uma postura construtivista familiar aos semióticos e que às vezes é atribuída a Greimas, cujo pensamento, conforme exporemos, não é tão simples de reduzir.

Postura familiar aos semioticistas, digo, mas cuja elaboração precede a semiótica. Por exemplo, Cassirer, um dos instigadores de Merleau-Ponty, colocou em 1933 a questão da relação entre o sentido e a percepção. Para ele, a construção do mundo dos objetos se faz a partir de uma linguagem já constituída. A posição defendida então chega senão a identificar o mundo com a linguagem, ao menos a atrelar a descrição da primeira à segunda: "o objetivo da representação [...] não é o ponto de partida do processo de formação da linguagem, mas o objetivo a que esse processo conduz; ele não é *terminus a quo*, mas o *terminus ad quem*." (Cassirer, 1933, p. 23)<sup>4</sup>. Essa identificação do mundo e da linguagem é evidentemente susceptível de criar um desconforto, na medida em que exclui a possibilidade de qualquer movimento abarcando desde a materialidade do mundo e chegando as linguagens. Ela responde simetricamente ao realismo herdado da Idade Média por meio de um confinamento em um envelope autonomista tomado como premissa.

Tal mal-estar também foi experimentado por Greimas. Já no artigo de 1956 ele reprovava discretamente Merleau-Ponty por ter abandonado a questão. Se esse último tivesse – insisto –, distinguido a "fala falada" da "fala falante", "não seria, me parece", lamenta Greimas, "que para ocupar-se logo em seguida desta última" (1956, p. 200), e, portanto, deixar de lado a questão da "fala falada".

A palavra mal-estar, tomo-a emprestada de um outro texto do próprio Greimas (1975 [1970], p. 48-49): se o linguista deve ficar incomodado pela posição dos lógicos neopositivistas que defendem sumariamente "a existência de uma referência dos 'nomes próprios' aos objetos no mundo", ele também deve se sentir desconfortável no universo fechado e autossuficiente da linguagem e desafiado por sua "tendência a hipostasiar esse último chegando inclusive a identificar o mundo

<sup>1</sup> Tradução nossa para o trecho original: « psychologie du langage où la dichotomie de la pensée et du langage est abandonnée au profit d'une conception du langage où le sens est immanent à la forme linguistique ».

<sup>2</sup> Tradução nossa para o trecho original: « [...] » paraît à bien des égards, comme le prolongement naturel de la pensée saussurienne [...] ».

<sup>3</sup> Tradução nossa para a frase original: « La pensée fait le langage en se faisant par le langage ».

<sup>4</sup> Tradução nossa para o trecho original: « La représentation 'objective' [...] n'est pas le point de départ du processus de formation du langage, mais le but auquel ce processus conduit ; elle n'est pas son *terminus a quo*, mais son *terminus ad quem* ».

com a linguagem". Greimas, como podemos ver, é sensível aos perigos de uma disciplina ameaçada pelo solipsismo.

### **3 Um programa de semiótica do mundo natural: uma existência meteórica**

#### **3.1 O mundo natural: uma realidade significativa**

Como tentativa de superar o mal-estar produzido por essa identificação e trazer uma solução para o problema da referência, Greimas irá desenvolver, em 1968, a noção de "semiótica do mundo natural". Nesse projeto semiótico, não se trata mais de "considerar o mundo extralinguístico [...] como um referente absoluto, mas como o lugar de manifestação do sensível, capaz de se tornar a manifestação do sentido humano [...] de tratar este referente como um conjunto de sistemas semióticos mais ou menos implícitos" (Greimas, 1975, p. 48). Tal semiótica teria como objetivo estudar a relação entre as línguas e esses "sistemas de significação do mundo natural [...] não como uma referência do simbólico ao natural, do variável ao invariante, mas como uma rede de correlação entre dois níveis de realidade significativa" (p. 49).

Todas as palavras contam nessas fórmulas, que examinaremos a seguir. Notemos de passagem que Greimas se refere aqui a uma concepção da natureza que, obviamente, está aberta à crítica – a natureza como um dado absoluto e como uma entidade invariante; entretanto, há outras concepções da natureza, menos discutíveis, às quais falarei mais adiante. Mas tratemos por ora do programa de semiótica do mundo natural e retomemos a fórmula de Greimas (1975): trata-se de considerar o referente "como um conjunto de sistemas semióticos mais ou menos implícitos".

Mesmo tomando a precaução de não afirmar que as coisas teriam sentido em si mesmas – o "referente absoluto" – a questão, obviamente, continua em aberto no que diz respeito ao lugar de onde se origina o sentido desse referente do qual fazemos uma "realidade significativa", fórmula essa certamente cheia de pressupostos.

#### **3.2 O papel da percepção**

Greimas nos fornece a pista. É do lado da percepção que devemos buscar a solução: "propomos considerar a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação" (1973, p. 15). E insiste

mais adiante: "o semiológico é apreensível [...] dentro da percepção" (p. 76) ou "o mundo sensível está presente até na forma linguística e participa na sua constituição" (Greimas, 1975, p. 53).

Uma nova via se abre aqui. Talvez ela tenha se aberto para Greimas devido a suas leituras em fenomenologia. Se é o caso, trata-se então de outros capítulos de fenomenologia que aqueles citados por ele explicitamente e que insistem na consubstancialidade do pensamento e da linguagem. O interesse, nesse caso, é por um corpo como condição permanente da experiência e da percepção como ato constitutivo, temas bem presentes em Merleau-Ponty, que havia deixado rastros neste sentido.

Assim, uma maneira de escapar à circularidade gödeliana seria levar em consideração o sistema neurofisiológico de percepção. Sobre isso é que Greimas parece ter tido o pressentimento.

Menciono sua presciência, pois mesmo que ele saúde a substituição da psicologia da forma e da psicologia comportamental pela psicologia humanista das "faculdades" e da introspecção, e ainda que ele considere favoravelmente que as análises qualitativas da semiótica ajudam a diminuir o fosso entre as ciências naturais e as ciências humanas (1976), ele não pôde ou não quis levar em consideração os avanços nas pesquisas em torno dos mecanismos perceptivos.

Isso pode, obviamente, compreender-se: de fato, quando Greimas apresenta o papel da percepção, as neurociências ainda são dominadas por uma concepção cibernética herdada do behaviorismo; e suas propostas são anteriores à explosão de técnicas de imagem não intrusiva, que hoje permitem correlacionar comportamentos semióticos com atividades cerebrais localizadas e medidas. Essas técnicas colocam em evidência que a hipótese de Greimas – existência de uma rede de correlação entre dois níveis de realidade significativa subjacente à semiótica do mundo natural – deixou de ser especulativa e repousa sobre fundamentos anátomo-fisiológicos verificáveis.

No entanto, e voltarei a esse ponto, enfatizando o papel da percepção, Greimas é animado por intuições que o levam a formular algumas propostas técnicas modestas que vão de modo espetacular ao encontro das aquisições dessas disciplinas.

#### **3.3 A desertificação fenomenológica**

Nos anos 60 e 70 se abria assim um caminho que não seria corretamente avaliado antes do final do século. Pois esse mal-estar diante do problema do mundo natural não se dissipará de fato. Como um sintoma, observemos no verbete "mundo natural", do *Dicionário de Semiótica* (Greimas; Courtés, 2008), a abundância de apas e precauções do tipo "por assim dizer":

Com relação à estrutura 'profunda' do universo, que é de ordem física, química, biológica etc.; o mundo natural corresponde, por assim dizer, à estrutura 'de superfície'; é, por outro lado, uma estrutura 'discursiva', pois se apresenta no quadro da relação sujeito/objeto: é o 'enunciado' construído pelo sujeito humano e decifrável por ele. (Greimas; Courtés, 2008, p. 324)

O caminho inaugurado naquele período está, portanto, largamente abandonado. Nem a psicologia da forma, nem a fisiologia, nem as ciências cognitivas puderam contribuir; e mesmo a fenomenologia desapareceu no horizonte. Ivan Darrault (2011) resumirá tal fato em uma bela fórmula: ele falará de uma "desertificação fenomenológica da obra de Greimas".

Mas, em vez de desertificação, talvez seja melhor falar de evolução para uma outra forma de fenomenologia, mais sofisticada e, ao mesmo tempo, mais implícita, cujas manifestações serão encontradas nas obras *Semiótica das paixões* (1993 [1991]) e em *Da Imperfeição* (2002 [1987]).

De todo modo, as questões urgentes foram deslocadas. Greimas já observava em 1970 que:

Pode-se dizer que os progressos da semiótica, nos últimos tempos, consistem essencialmente na ampliação do seu campo de manobras, na maior exploração das possibilidades estratégicas de apreensão da significação. Sem chegar a saber mais sobre a natureza do sentido, aprendemos a conhecer melhor onde ele se manifesta e como se transforma. (Greimas, 1975, p. 17)

## 4 Retorno à percepção e à semiogênese

Quase cinquenta anos se passaram: o registro do que acabou de ser chamado de campo de manobra foi certamente muito bem especificado, sendo que o conteúdo desse campo se tornou consideravelmente enriquecido e complexo. Entretanto, a questão da *natureza* do sentido, apontada por Greimas, permaneceu em aberto. Do mesmo modo, outras duas questões, relacionadas a ela: aquelas que implicam em saber *como e por que* o sentido nasce. Parafraçando a famosa fórmula de Leibniz, nossas disciplinas não se perguntaram "por que há o sentido e não o nada?", deixando esse problema para a filosofia ou remetendo-o a tempos melhores.

Embora pareça arriscado colocar a questão do "porquê", uma coisa é certa: sabemos muito mais hoje do que em 1970 sobre o "como".

Na verdade, para nós, – um nós que não é impositivo e que toma o Grupo  $\mu$  como referência –, o lugar onde é necessário buscar o fundamento do princípio da oposição, a fim de escapar à circularidade, é o sistema neurofisiológico da percepção, do qual Greimas tinha consciência.

### 4.1 Fundamentos da semiogênese

Pode-se assim demonstrar (Grupo  $\mu$ , 2011; 2015) que o circuito da significação tem seu ponto de partida no mundo natural. O processo parte de estímulos provenientes deste mundo e chega à elaboração de estruturas semióticas.

Esse processo de semiogênese é necessariamente interativo: ele pode, de fato, ser descrito como o tratamento desses estímulos pelo organismo através de um encadeamento de módulos.

Consideremos um campo qualquer em que a percepção visual está em causa. No seu desenvolvimento mais simples, tal atividade consiste em detectar uma qualidade no campo. Ao mesmo tempo, nossos órgãos perceptuais e o sistema nervoso que centraliza a informação fornecida por eles estão equipados para detectar as invariâncias. Nesse caso específico, a matriz neuronal constituída pela retina não se limita a identificar múltiplos pontos justapostos: se todos esses pontos tiverem a mesma luminância e a mesma cor, eles são percebidos – através de uma série de processos cuja descrição técnica seria um pouco longa (Grupo  $\mu$ , 1992; 2015; 2018) – como constituindo juntos uma única tarefa.

A qualidade percebida pode então ser chamada de translocal. Em outras palavras, ela é a propriedade comum extraída de uma série de sensações dispersas e transcende o dado imediato. Por que essa translocalidade? Sua vantagem é uma grande economia: em vez de tratar uma massa de informações distintas, o sistema central deve lidar com apenas um dado.

Detectar uma qualidade em um campo permite distinguir uma entidade, dotada dessa qualidade, e discriminá-la em relação ao seu ambiente: neste papel branco, um ponto azul (qualidade) é discernido. Pode-se dizer, em certo sentido, que a entidade é uma qualidade reificada através da atividade perceptiva.

É importante notar que a qualidade só pode ser identificada por meio de uma manobra de diferenciação. Se a forma for percebida, é porque ela se separa de um fundo perceptual: ela constitui uma figura, no sentido gestaltista do termo.

Há, portanto, uma sintaxe do mundo natural. Uma vez que, pelo fato de estar segregado, a entidade entra em relação com esse fundo perceptual, que possui uma qualidade translocal distinta da primeira: a folha em que se espalha uma mancha azul também é uma entidade que tem sua qualidade. Vemos então que a própria noção de entidade pressupõe a interação: de fato, podemos distinguir entidades somente através de uma relação contrastante entre duas qualidades.

Deve-se enfatizar que esses limiares não existem como tais na natureza, que não é, portanto, uma "referência absoluta": eles surgem da dialética entre os estímulos e o organismo receptor.

O limiar não seria possível se nossos órgãos não estivessem equipados para comparar estímulos vizinhos uns com os outros. Em outras palavras, se eles não permitissem distinguir pelo menos duas ocorrências sensoriais. Desse modo, o aparato que produz a comparação deve compreender pelo menos dois receptores, ou permitir a avaliação de dois estados do mesmo fenômeno em dois momentos distintos.

Isto é o que eu chamo de princípio de contraste elementar, ou dipolo (um contraste que se refere à percepção diferencial de uma magnitude física, por exemplo, intensidade luminosa). Esse princípio, que os biosemióticistas – por exemplo, Hoffmeyer e Emmche (1991) – consideram o princípio central da percepção, é comum a todos os seres dotados de percepção. Tal percepção dipolar é a estratégia que o indivíduo vivo desenvolveu para gerenciar seu ambiente. Esse indivíduo está de fato mergulhado em vários fluxos entrelaçados: o fluxo de matéria (vento, corrente de água, comida, etc.), o fluxo de energia (calor solar, gravidade, etc.), fluxos de radiações diversas (luz ...). Todos esses fluxos são orientados e caracterizados por uma variação ao longo de um eixo, ou seja, um gradiente. Viver é situar-se entre esses gradientes: medi-los e reagir a eles adequadamente.

Assim, chegamos a uma explicação da origem corpórea do sentido: a conjunção desses três dados – qualidade e entidade, caracterizada por uma interação – que constitui assim um conhecimento elementar. Um sentido que se encontra nos seres humanos certamente, mas também em todos os demais seres vivos.

## 4.2 Intuições e prolongamentos

No contexto da presente contribuição, não irei mais longe. Eu deveria, para tanto, mostrar que essa conjunção não pode desempenhar completamente seu papel senão por meio de três complexificações, indo na direção da permanência e até mesmo da institucionalização: sua estabilização no tempo, sua estabilização em objetos ou coordenação, e sua estabilização nas trocas sociais. Em seguida, seria necessário correlacionar a percepção aos fenômenos auto-organizadores já existentes no substrato natural (ver trabalhos de Jean Petitot). Então, para me tornar o executor testamentário de Greimas sobre este ponto, eu teria que estudar o relacionamento e a formação recíproca entre as línguas e esses "sistemas de significação do mundo natural". Sobre todos esses pontos, eu gostaria de remeter ao *Principia semiotica*(2015) do Groupe  $\mu$ .

Mas enfatizarei, como anunciado, algumas intuições importantes de Greimas sobre a percepção e a semiótica do mundo natural que são confirmadas pelos recentes avanços na semiótica cognitiva. E darei dois

exemplos de tal fato.

Recordamos que o objetivo final da semiótica do mundo natural é estabelecer uma correlação sistemática entre o mundo sensível e a linguagem natural.

No entanto, segundo Greimas havia previsto em 1966, esta "correlação entre o mundo sensível e a linguagem natural deve ser procurada não a nível das palavras e das coisas, mas a nível das unidades elementares de suas articulações" (Greimas, 1975, p. 53). No que diz respeito ao mundo sensível, constatamos a existência de tais unidades elementares: são aquelas que denominei de "qualidades" e "entidades", estando estas bem articuladas. Essas unidades são oriundas da percepção sendo, portanto, esta última que permite ao mundo sensível participar da constituição de todas as formas semióticas (e não apenas das formas linguísticas).

Segundo exemplo, sobre o qual posso me permitir ser mais breve. Greimas argumentou ao mesmo tempo que "o semiológico [...] deve apenas as articulações distintas de sentidos negativos à realidade exterior, que aí se manifesta enquanto forma de expressão" (1966, p. 56)<sup>5</sup>. Lembramos que foi enfatizado há pouco o princípio da dipolaridade, um fenômeno que justifica amplamente a concepção opositiva do sentido. Esta opositividade constituía um postulado na doxa estruturalista, mas atualmente ela foi validada, uma vez que está estabelecido que ela repousa sobre uma base anátomo-fisiológica

## 5 O corpo e a natureza

Essa ênfase dada ao papel da percepção, à qual devo dedicar-me, é contemporânea a preocupações que têm em comum a reabilitação do corpo, seja como uma orientação às "formas de vida", às práticas, às paixões e ao mundo da enunciação. A semiótica não está sozinha nesse caminho. E ela não é nem mesmo a pioneira. Sua reabilitação, por exemplo, é em grande parte posterior à onda de escritores do corpo, a esse corpus literário cujo trabalho do escritor francês Georges Bataille representa sem dúvida o exemplo completo.

Entretanto, há duas maneiras de abordar a questão do corpo, distinguidas por Jacques Fontanille com pertinência e clareza, ainda que ele também não economize aspas:

(1) o corpo como substrato da semiose, (2) o corpo como figura semiótica [...]. Entre o corpo como "oriundo" e "substrato" de operações semióticas profundas, por um lado, e as figuras discursivas do corpo, por outro, haveria espaço para um percurso gerativo do sentido, percurso

<sup>5</sup> Tradução nossa para o trecho original: « le sémiologique [...] ne doit à la réalité extérieure, qui s'y manifeste en tant que forme de l'expression, que des articulations distinctives de sens négatifs ».

esse que não seria mais formal e lógico, mas fenomenal e "encarnado". (Fontanille, 2004, p. 16-17)<sup>6</sup>

Isso é o que encontramos no final do projeto da semiótica do mundo natural: uma semiótica carnal.

Tal teoria semiótica permite não apenas entender que as linguagens são uma busca da atividade perceptiva por outros meios, mas também explicar certos fundamentos das ciências da linguagem, como a importância que atribuímos à sintaxe, ou ainda – insisto nesse ponto – à concepção diferencial e negativa do sentido.

Uma tal semiótica transforma igualmente a ideia de natureza, tornando-a cultural. Pois o que é chamado de "natureza" não é um objeto divino que se origina em parte alguma e ignora a possibilidade de variação, como temia Greimas.

Na verdade, essa natureza varia ao longo de sua história (a vida é primeiro anaeróbica, a geologia do quaternário tem pouco a ver com a da era primária). Além dessa variação diacrônica, é preciso também ter em conta sua variedade sincrônica: não há apenas uma, mas várias naturezas; e ainda tantas naturezas quanto grupos de sujeitos, ou mesmo de sujeitos em si. Lembraremos aqui o famoso conceito de *Umwelt* [o mundo conforme ele é experienciado por um determinado organismo], de Jacob Johann von Uexküll (1934).

Cada espécie viva tem um nicho ecológico – uma natureza – que é o seu próprio universo significante (a minhoca dá sentido ao seu ambiente, recortando-o de acordo com o dipolo luz/escurecimento, sentido este diferente daquele que atribuímos ao nosso). Mas, se a espécie sofre as determinações desse espaço, em troca, ela determina seus contornos e age também sobre ele, de modo que o *Umwelt* tenha a marca de sua ação (esse mesmo verme irá perfurar aí suas galerias). Essa dupla influência é de fato parte constituinte de uma cultura. Conclui-se assim que o que é chamado de natureza é também uma cultura. ●

## Referências

- Cassirer, Ernst.  
1933. *Le Langage et la construction du monde des objets. Journal de psychologie normale et pathologique*, n. 30. pp. 18-44.
- Darrault-Harris, Ivan.  
2011. *Phénoménologie et sémiotique. Actes Sémiotiques*, n. 114. Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/2734>>
- Delacroix, Henri.  
1924. *Le Langage et la pensée*. Paris: Félix Alcan.
- Fontanille, Jacques.  
2004. *Soma et Séma. Figures du corps*. Paris: Maisonneuve & Larose.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1956. *L'Actualité du saussurisme. Le Français moderne*, n. 24. pp.191-203.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1966. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1966. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1973. *Semântica estrutural*. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1970. *Du sens. Essais sémiotiques*. Paris: Le Seuil.
- Greimas, Algirdas-Julien.  
1975. *Sobre o sentido*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et alii. Petrópolis: Vozes.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Joseph.  
1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Joseph.  
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto.
- Groupe  $\mu$ .  
1992. *Traité du signe visuel. Pour une rhétorique de l'image*. Paris: Le Seuil.
- Groupe  $\mu$ .  
2011. *Pourquoi y a-t-il du sens plutôt que rien ? Abrégé de sémiogénétique. Signata. Annales des sémiotiques. Annals of Semiotics*, n. 2. Spécial *La sémiotique, entre autres. Semiotics, among others*. pp. 281-313.
- Groupe  $\mu$ .  
2015. *Principia semiotica. Aux sources du sens*. Bruxelles: Les Impressions nouvelles.

<sup>6</sup> Tradução nossa para o trecho original: «(1) le corps comme substrat de la semiosis, (2) le corps comme figure sémiotique [...]. Entre le corps comme 'ressort' et 'substrat' des opérations sémiotiques profondes, d'une part, et les figures discursives du corps, d'autre part, il y aurait donc place pour un parcours génératif de la signification, parcours qui ne serait plus formel et logique, mais phénoménal et 'incarné'».

Groupe  $\mu$ .  
2018. *Nouveau traité du signe visuel*. Paris: Allia.

Hoffmeyer, Jesper; Emmeche, Claus,  
1991. From Language to Nature. The Semiotic Metaphor in Biology. *Semiotica*, n. 84. pp. 1-42.

Merleau-Ponty, Maurice.  
1945. *La Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, Maurice.  
1999. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.

Merleau-Ponty, Maurice.  
1960. *Signes*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, Maurice.  
1999. *Signos*. Trad. Maria Ermentina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Von Uexküll, Johann.  
1934. *Mondes animaux et monde humain*. Suivi de *Théorie de la signification*. Tradução francesa de 1965. Paris: Denoël, Médiations. [Reeditée sur le titre *Milieu animal et milieu humain*. Paris: Rivages, 2010.]

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Klinkenberg, Jean-Marie  
Greimas et la sémiotique du monde naturel  
*Estudos Semióticos*, vol. 13, n. 2 (2017)  
ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** Parmi les disciplines qu'A. J. Greimas a rencontrées lors de sa formation figure la phénoménologie, un courant philosophique qui a posé en termes nouveaux la délicate question du rapport entre le langage et le monde. On sait que l'exigence épistémologique qui fut celle de Greimas l'a finalement détourné du phénomène de la référence, qu'il devait considérer comme indécidable, et que de la phénoménologie il a surtout retenu le versant constructiviste, l'idée que le « phénomène » requiert le logos pour s'exhiber. Mais d'un autre côté, il affirme aussi avec force dans *Sémantique structurale* que « les significations du monde humain se situent au niveau de la perception ». La question du rapport entre le sens et un sensible qui n'est pas que textuel reste donc posée. Et c'est elle qui a déterminé le projet greimassien d'une « sémiotique du monde naturel », qui n'a pas connu tous les développements qu'il promettait. L'objet de ce texte est de soumettre ce concept à un examen critique, notamment en le contextualisant. Il est aussi d'en montrer les potentialités - qui se révèlent mieux en ce XXI<sup>e</sup> siècle, où les avancées de nouveaux savoirs permettent de résoudre des questions qui ne pouvaient être abordées il y a 50 ans - et les enjeux de ces dernières pour la sémiotique générale.

**Mots-clés:** Greimas ; monde naturel ; phenomenologie ; perception ; Merleau-Ponty

---

### Como citar este artigo

KLINKENBERG, Jean-Marie. Greimas e a semiótica do mundo natural. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 59-65. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 19/06/2017

Data de sua aprovação: 30/08/2017

---